

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Recife no Tempo da Boa Vizinhança: Tradição e Modernidade

Marcos Alexandre Arraes *

RESUMO: Recife é uma cidade reconhecida por lutar por suas tradições. No século XX esse emblema ganha força, como nos anos 20 com Gilberto Freyre ou nos anos 40 com Mario Melo. Cada um desses momentos tem a sua singularidade. Destacamos, aqui, o momento vivido nos anos quarenta. Eram tempos de Guerra e a cidade começava a sofrer mudanças em seus hábitos com a presença de militares estadunidenses em seu cotidiano e com a Política da Boa Vizinhança. Com isso, muitos recifenses irão entrar em conflito com os ares modernos e buscarão defender a “pernambucanidade” recorrendo à tradição. Considerando estes fatos, este trabalho busca estudar este período e as mudanças que se processavam no Recife com a presença cultural estadunidense, a partir do debate dos tradicionalistas, focando, especialmente, os artigos de Mario Melo.

Palavras Chave: Cidades – Modernidade – Política da Boa Vizinhança

ABSTRACT: Recife is recognized as a city that fights for its traditions. In 20th century this emblem gains force, such as in the twenties with Gilberto Freyre or in the forties with Mario Melo. We focus here at the moment lived in the forties. These were War times and the city began to suffer changes in its habits by the presence from United States military in its every day life and by the Good Neighbor Policy. In this direction, many people in Recife will be in conflict with the modern airs and will try to defend your cultural traditions. That said, this article intends to study the changes that were processed in Recife’s daily by the cultural presence of the United States thru the debate of the traditionalists, focusing at Mario Melo’s articles.

Keywords: Cities – Modernity – Good Neighbor Policy

O Recife é uma cidade que sempre lutou por suas tradições. Esse é um aspecto presente em sua história. Segundo Antônio Paulo Rezende,

O Recife é uma dessas cidades de forte tensão entre o moderno e o tradicional. A sua história está atravessada por momentos de deslumbramentos e fantasias sobre o seu futuro possivelmente moderno, pelo medo de vê-la distante das tradições e o desejo de reafirmar o seu passado profundamente idealizado.(REZENDE, 1997:25).

Em 1920 a capital pernambucana ainda era uma cidade de hábitos e costumes provincianos, mas que já passava a conviver com os ares da modernidade européia. Verifica-

se, assim, nesse período, uma mudança das sociabilidades e encontros promovidos pelas peças teatrais, que, por vezes, começavam na aurora da noite e invadiam a madrugada, para o cinema e suas curtas horas. Também os espaços, dantes percorridos em bondes a cavalo, quando, segundo Mario Sette, o que importava era o percurso, admirando a paisagem, e não o seu término, passaram a ser vencidos pelos bondes elétricos e o ritmo frenético dos automóveis.

Diante dessas mudanças, as reações foram múltiplas.

A preocupação com o moderno e o tradicional não estava apenas restrita às novas máquinas que circulam pela cidade e as diversões importadas que aumentam seus números de simpatizantes. A forte presença do passado se contrapõe ao considerado moderno. Alguns intelectuais resistem a certas inovações. (Idem, 91).

Foi em nome desse passado que muitos intelectuais se contrapuseram publicamente a essas inovações e ao ritmo acelerado das mudanças. Mario Sette (1886-1950) foi um desses nomes. Escritor saudosista, Sette mostrou, ao longo de sua vasta obra, a sua lamentação para com o progresso, que, em sua opinião, desfigurava a memória da cidade.

Foi Gilberto Freyre, no entanto, que, após retornar ao Recife de uma viagem de cinco anos pelos Estados Unidos e Europa, tornou-se a figura de destaque na defesa das tradições pernambucanas. Figura paradoxal, declarava-se um modernista ao seu estilo tradicionalista. Diferentemente de Sette e outros escritores saudosistas, Freyre não atacava a modernidade em todos os seus aspectos. Em sua obra se faz presente uma defesa do regionalismo enquanto preservação do passado na busca de uma identidade nacional. Para ele, o culto da tradição não era incompatível com o progresso.

E um ponto peculiar e diferenciador [em Freyre] era o passado histórico, a memória das tradições. O modernismo regionalista tornava a preservação desse passado como uma salvação da identidade nacional. Era também uma forma de evitar a marginalização, de não se sentir fora das trilhas da história, de não se ofuscar com as luzes do progresso. Admitir o império do progresso até seria possível, desde que conciliado com os emblemas da tradição. (Idem, 158).

Seguindo caminhos opostos, outros intelectuais, em consonância com os paulistas de 1922, louvavam e defendiam a modernidade em todos os seus aspectos, buscando alinhar o Recife aos eixos das grandes capitais mundiais. Entre estes, destacou-se Joaquim Inojosa. Escritor e jornalista nascido em 1901, marcou presença em diversos periódicos, sempre defendendo avidamente as modernizações e atacando o que chamava de “passadismo intransigente”. Há, neste escritor, um freqüente elogio ao novo, ao tempo que corre veloz, ao ritmo agitado do progresso. Segundo ele, “o sol nasce todos os dias no mesmo horizonte, mas

não ilumina as mesmas cabeças. Andar com os velhos é envelhecer com eles”.(Apud REZENDE, 1997:172).

Em suma, o Recife dos anos 20 vivia as dúvidas e incertezas mais gerais da Nação. Que caminhos seguir diante da perplexidade das novas conjunturas? O que representava sua tradição e seu passado diante de um país em busca de afirmação e diante das capitais do sudeste que se desenvolviam em ritmo acelerado, parecendo esquecer o que foram poucas décadas atrás? Diante disso, como já dissemos, foram múltiplas as respostas, tendo, em Gilberto Freyre e em Joaquim Inojosa, lados diametralmente opostos, mas que, no entanto, possuíam algumas intercessões.

Dois intelectuais que participaram de discussões de uma época polêmica, cercada de buscas, de ideários salvacionistas para o Brasil, de tensões claras entre as representações do moderno e do antigo, de descobertas e perplexidades sobre qual o caminho mais correto da modernidade Brasileira.(REZENDE, 1997:188).

Duas décadas depois, o cenário mudou e, com ele, os espaços do moderno. A capital pernambucana sentia em seu cotidiano a instabilidade que o mundo vivia.

A guerra na Europa e a ameaça de expansão do nazi-fascismo na América Latina mexeram com os interesses estadunidenses e sua Política da Boa Vizinhança. Buscando manter sob controle político e ideológico as nações vizinhas, os EUA criam, em agosto de 1940, o Escritório do Coordenador para Assuntos Interamericanos.¹

Esse Escritório foi transformado no órgão chefe da estruturação e efetivação da política externa estadunidense para as Américas, contribuindo diretamente também para a divulgação do *American Way of Life* nesses países.

O Brasil, país de interesse estratégico para os EUA, não só por sua posição de destaque na América do Sul, como também por sua posição geográfica², era, nesse momento, governado por Getúlio Vargas, que mantinha uma política externa ambígua, direcionada ora a negociações com os EUA, ora a um relacionamento próximo às potências do Eixo.

Foi nesse contexto que o Escritório Interamericano começou seu trabalho de disseminação de aspectos da cultura estadunidense no Brasil. Já vimos que as fantasias e fetiches modernos, em grande parte originários dos “Bons Vizinhos do Norte”, já começavam a adentrar no país e também no Recife. No entanto, o caráter dessa modernidade ainda era muito incipiente e ingênuo. Com o início da difusão de seus valores culturais através do cinema, música, rádio, propagandas em revistas de grande circulação e outros meios, a

¹ Para maiores informações, consultar a obra de Antônio Pedro Tota constante nas referências bibliográficas.

² Planejando sua entrada na guerra européia, os EUA acreditavam que o Nordeste brasileiro seria local de posição estratégica que serviria como base de abastecimento para as futuras frentes de combate na África. Depois perceberam a inviabilidade desse projeto devido às longas distâncias.

modernidade estadunidense fez-se sentir nos padrões de comportamento, pensamento artístico e científico e nas relações entre as pessoas por todas as grandes cidades brasileiras, incluindo a capital pernambucana.

O fascínio pelo cinema já era notório no Recife dos anos quarenta. A beleza das atrizes estadunidenses, os trajes e a música dos filmes *yankee* eram assunto dos maiores jornais pernambucanos e de periódicos especializados, que começavam a circular naqueles anos.

Com o começo da guerra na Europa, o ar recifense provinciano passou a dar lugar à ansiedade e agitação dos grandes centros urbanos daquela época. Curiosos pelos rumos do conflito, os recifenses sintonizavam seus rádios na rede *BBC* londrina, recém chegada ali.

Com as ocasiões dos afundamentos de navios brasileiros e a entrada do país na guerra ao lado dos Aliados, uma “pequena guerra” instaurava-se no Recife. Os alemães e italianos erradicados ali passaram a ser alvos de agressões, sendo identificados à figura do quinta-coluna, nome dado àquelas pessoas que agiam “nos bastidores e que vivia[m] supostamente a enviar mensagens codificadas, revelando nossos segredos e debilidades para agentes do Eixo Berlim-Roma.”(PARAÍSO, 1995:67). Pessoas que não demonstrassem repúdio às atuações do Eixo na guerra passaram a ser mal quistas no convívio social.

Além disso, devido ao acordo de cooperação dos governos brasileiro e estadunidense, foram instalados em Pernambuco e outros estados vizinhos quartéis e bases aéreas aliadas sob comando dos EUA. Recife passou, então, a ter, em seu círculo social, a presença dos soldados norte-americanos. Festas eram organizadas para esses soldados, sendo proibida a participação de recifenses do sexo masculino. Também algumas lojas passavam a preferir o dólar à moeda nacional. O Inglês suplantava o francês e o Latim nas escolas e no dia-dia, passando a ser a segunda língua dos pernambucanos. Aos poucos, a cidade começou a experimentar novos hábitos e estilos de vida, tornando-se alvo do que ficaria conhecido como o *american way of life*.

Na verdade, em todas as cidades atingidas pelo ritmo veloz da modernidade, as mudanças ocorreram diante da perplexidade e resistência de muitos. Nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigira mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas. (REZENDE, 1997:57).

E assim também foram os anos quarenta em Recife. A velocidade das mudanças que apontamos acima causou espanto em alguns autores, que passaram, então, a repudiar o que chamavam de “estrangeirismos”, que, em sua opinião, descaracterizavam os costumes e tradições pernambucanos.

Os jornais da cidade foram palcos de intensos debates. O jornalista e poeta Mário Melo (1884-1959) foi figura de destaque, fazendo uso de sua coluna *Crônicas da Cidade*, no Jornal do Comércio, para atacar com veemência tudo o que ia contra os costumes e morais tradicionais. Em seu livro *Cadê Mario Melo*, o médico e memorialista pernambucano Rostand Paraíso transcreve uma crônica de Valdemar de Oliveira a respeito do Jornalista:

Onde houvesse um gesto patriótico a enaltecer, uma relíquia a preservar, um agravo a repelir, o que quer que fosse relacionado ao passado, ao presente ou ao futuro de Pernambuco, aí estava Mario Melo, pronto na defesa, pertinaz na resistência, ágil no ataque. Nos intervalos das refregas, não descansava: para recordar uma imagem de Agamenon Magalhães, espanava o pó da História que, pelo esquecimento dos contemporâneos, poderia depositar-se, para sempre, sobre nossas tradições mais puras. Dir-se-ia servidor dedicado de velho tempo, a cuidar de que não faltassem óleo a lamparina e flores aos jarros, no empenho de manter sempre acesos e floridos os altares de sua devoção. (Apud: PARAÍSO, 1997:24).

Intransigente na defesa de seus princípios e idéias, Melo frequentemente entrava em conflito com outros intelectuais, mas sem perder o bom humor e o respeito pelos adversários, o que nem sempre era seguido por estes. Aníbal Fernandes, antigo companheiro de redação no Diário de Pernambuco, foi seu maior antagonista. Apesar de também ter sido defensor de certas tradições, Fernandes admitia o diálogo com o novo e, principalmente, com o que vinha de fora, acusando o ex-colega de ser um “saudosista intransigente”, possuidor de “caturrices”.

Em um Recife aberto aos fascínios do *American Way of Life* e que convivia diariamente com a presença de soldados estadunidenses, diversos foram os motivos para as críticas de Mário Melo. Como começassem a surgir os anglicismos nos jornais e vocabulário corrente do recifense, lá estava o poeta a demonstrar seu repúdio e defender o idioma nacional.

Nos tempos da II Grande Guerra, meados de 1942, quando era evidente a absorção, pelo recifense, de um sem número de palavras estrangeiras, Mário Melo não se calava, defendendo sempre a pureza de nossa língua. Numa época em que nossos jornais estavam cheios, nos noticiários da guerra e, também, nas colunas sociais de ‘raid’, ‘blitzkrieg’, ‘cock-tail’, ‘front’, ‘jitter-bug’, ‘boogie-woogie’, ‘teen-ager’, ‘up-to-date’, ‘garden-party’, ‘copy desk’, ‘milkshake’, ‘drink’ e tantos outros estrangeirismos, quando, com a invasão do Recife pelos soldados americanos, aqui se falava, em alguns lugares, mais o inglês do que o português, lá estava ele, incansável e obstinado como sempre, a esbravejar, a reclamar e espernear, sugerindo nomes nossos para substituir os que nos chegavam de fora. (PARAÍSO, 1997:137).

Em uma dessas sugestões, como ainda nos relata Rostand Paraíso, Melo propôs a substituição do uso de *black-out*, em uso para referir-se à necessidade de se apagarem as luzes de toda a cidade quando de um ataque aéreo inimigo (medo freqüente àqueles tempos), por “apagamento de luzes” ou, simplesmente “escuridão”.

A essas sugestões, Aníbal Fernandes respondia com ironia, rechaçando a opinião do companheiro de ofício. Para Fernandes, os estrangeirismos seriam incorporados ao vocabulário nacional sem prejuízos a este, ao contrário, contribuindo para enriquecê-lo.

Outro aspecto cultural estadunidense que se tornava cada vez mais popular eram as músicas, como o *Jazz* e o *Fox Trot*, com seu ritmo acelerado, bem ao gosto da modernidade, e que se tornara “febre” nas festas da época. Durante os bailes de carnaval, os clubes passaram a adotar esses ritmos importados em substituição aos pernambucanos, tão tradicionais nessas festas. O velho poeta, amante que era desses bailes, revoltava-se. Em uma de suas *Crônicas da Cidade*, Mário Melo atacou mais essa “invasão cultural”.

(...)

Ultimamente aparecem censuras aos clubes elegantes do Recife, pela admissão, em seu seio, das músicas pernambucanas.

Parece incrível, mas é verdade.

É o desprezo do que é nosso, à louça de casa, para aparentar refinamento, desvalorizando a mercadoria nacional, pelo pexisbeque do rótulo estrangeiro.

O tango, a rumba, o fox-trot, sim. Que importam suas origens, se entraram aqui de procedência estrangeira?

Não há mal nenhum que as senhoras respeitáveis, ou as meninas elegantes dancem aquilo que dançam as negras argentinas, ou as negras cubanas, ou as negras estadunidenses. Mas dançar o que dançam as negras brasileiras é alvitramento.

Assim pensam, assim refletem.

E depois arrotam nacionalismo. Andam de máscara o ano inteiro e só a tiram nos três dias de carnaval, qual todo mundo tem o direito de pô-las.

No Rio de Janeiro, a noite de Ano Bom é a da apresentação das músicas do carnaval entrante. Em Pernambuco, se um clube familiar procura alegria com as músicas regionais, é passível de censura do grã-finismo. Só tem valor o que é estrangeiro.

Quando chegará o dia de nos orgulharmos de sermos brasileiros, valorizando o que é nosso? (JC: 11/01/1941)

Ainda a respeito do carnaval, eram freqüentes, durante o período da guerra, os debates sobre a realização ou não dessa festividade. Muitos acreditavam que se deveriam suspender as festas de rua no mês de fevereiro, em respeito aos bravos combatentes que morriam nos campos de batalha europeus. Melo, em coluna de janeiro de 1945, rebatia prontamente.

Todos os anos, mais ou menos nesta época, os inimigos do Carnaval põem a cabeça de fora, procurando um pretexto que impeça a realização do grande divertimento do povo. Um, o mais batido, já não provoca efeito: o carnaval tem suas origens no paganismo. Agora, o pretexto é a Guerra.

No ano passado, não tínhamos soldados na frente de batalha (peço aos galicistas que traduzam a frente por 'front), mas houve a mesma cantilena. Estávamos teoricamente em guerra e não era possível fazer-se carnaval na rua, podendo, entretanto, ser permitido nos clubes. Agora, que temos soldados na luta, não se compreende a expansão do povo, salvo nos clubes.

Traduzindo: a gente de colarinho e gravata, que bebe champanha ou gin, pode desbragar-se nos clubes, mas os pés rapados, que trabalham no duro, não têm o direito de saborear o maracujá com mel de abelha, nem fazer o passo na rua. Pode

haver festa o ano inteiro: bailes, banquetes, (...) campeonato de futebol, sem que isto afete nossos sentimentos de solidariedade aos que combatem os inimigos da civilização. Só o carnaval, que é a festa genuinamente do povo, representa quebra de patriotismo, sentimentos condenáveis.

A América do Norte está pegando no pesado, em guerra fortíssima no Oriente e no Ocidente. Os norte-americanos que aqui se encontram partiram de seus lares para a Guerra no Atlântico Sul. Distraem-se a toda a hora e todos os modos. Isto não representa quebra de solidariedade aos irmãos que tombam no Pacífico, ou nas margens do Danúbio, ou nas colinas da Itália.

(...)

Ou sejam proibidas festas de qualquer natureza, nos palácios, casas grandes, nos clubes de ricos (...) e neste caso também não haja carnaval, ou não se prive o povo de sua maior alegria(...).(Apud PARAÍSO, 1997,114-115).

Assim era Mário Melo, defensor das tradições. Em confronto com ele, Aníbal Fernandes, tradicionalista, mas simpatizante da modernidade e do progresso. Modernidade esta que, em solo recifense, nos anos quarenta, era representada pelos anglo-americanos e sua “fábrica de seduções” implacável, que terminaram por enraizar, em solo brasileiro, os estrangeirismos. O velho poeta não se rendeu, mas perdeu a guerra.

Venceu a cidade, enquanto espaço do desejo. Desejo do moderno, que ganha espaço nos anos vinte e arrasta pra longe os últimos entraves ao seu desenvolvimento nos anos quarenta e no pós-guerra.

No Recife, na década de vinte, houve a sedução pelo moderno, sobretudo pelas chamadas invenções modernas, por certo hábitos e diversões (...). Mais do que um projeto claramente definido de modernidade, havia representações fragmentadas, fetichização de objetos, encanto com o novo. O moderno ganhava espaço pelo seu poder de sedução, pelas fantasias que alimentava, pela comodidade, pelos aspectos mais confortáveis de sua materialidade, isso estava registrado na imprensa, nas promessas dos anúncios, na fascinação pelo cinema.(REZENDE, 1997:189).

Vinte anos depois, no entanto, o moderno se apresenta muito mais forte e sedutor. As “representações fragmentadas” dão lugar a um projeto bem elaborado que tem como paradigma os EUA e seu *american way of life*, símbolo, por excelência, da materialidade e seus fetiches. Abriram-se as portas à modernidade e o Recife, por ela, de vez se encantou.

Referências Bibliográficas:

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PARAÍSO, Rostand. *Cadê Mario Melo*. Recife: Comunigraf, 1997.

_____. *O Recife e a 2ª guerra mundial*. Recife: Comunicarte, 1995.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20*. Recife: Fundarpe, 1997.

TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Fontes Consultadas:

Jornal do Comércio. 1940-1950.